

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

HANNAH AIRES

AS COMPETIÇÕES NO KARATE-DO COMO PRESSUPOSTOS DE FORMAÇÃO E  
EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS

PORTO ALEGRE

2012

HANNAH AIRES

AS COMPETIÇÕES NO KARATE-DO COMO PRESSUPOSTOS DE FORMAÇÃO E  
EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS

Monografia apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do grau de bacharel em  
Educação Física à Escola de Educação Física  
da Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti

PORTO ALEGRE

2012

Hannah Aires

AS COMPETIÇÕES NO KARATE-DO COMO PRESSUPOSTOS DE FORMAÇÃO E  
EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS

Conceito Final:

Aprovado em ..... de .....de.....

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Marcelo Cardoso– UFRGS

---

Orientador – Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti – UFRGS

Dedico este trabalho aos meus pais, por serem meus melhores amigos e me ensinarem a arte do Karate-do e a meu Orientador por me apresentar a fascinante área de estudo das competições.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha imensa gratidão aos meus pais, à minha mãe Adelaide pelo apoio, compreensão e entusiasmo nos mais diversos momentos da elaboração deste trabalho, ao meu pai Alfredo por me introduzir na prática do Karate-do, ser meu *Sensei* e me possibilitar aprender mais a cada momento compartilhado no *dojo*. Aos *Sensei* Yasuyuki Sasaki, Yoshizo Machida, Kazuo Nagamine e Mitsuo Inoue por serem colaboradores expressivos em minha trajetória como *karateka*. Ao meu orientador Carlos Balbinotti, por me receber em seu grupo de estudos com muito carinho, pelos diversos ensinamentos e pela paciência comigo durante a realização deste estudo. Aos meus colegas e amigos Renata Meneses, Paula Demarco e Luciano Juchen pela paciência, compreensão e o importante auxílio com as fontes bibliográficas. Aos professores da EsEF-UFRGS, em especial a Adriana Berleze, Mário Brauner e Alberto Monteiro, pelos excelentes aprendizados proporcionados. Aos colegas de Karate-do e de EsEF Manuela Spessatto, Rafael Moreira, Paulo Renato Vicari, Roberto Klering e tantos outros pelas contribuições ao longo dos anos. A todos meu muito obrigada, vocês contribuem diariamente para minha formação como pessoa.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é realizar uma revisão de literatura sobre as competições dos jovens no Karate-do, atuando como pressupostos para a formação educacional dos mesmos. As competições estudadas serão as de Karate-do do estilo Shotokan da organização *Japan Karate Association*, por interesse próprio da pesquisadora, devido essa ser praticante. Para tanto o presente estudo foi organizado em dois capítulos. O capítulo I aborda a teoria geral das competições, ressaltando como são organizadas e estruturadas as competições dentro do Karate-do. O capítulo II trata da formação e educação através das competições, caracterizando essa população dentro das perspectivas cognitivas, motoras e de capacidade de aprendizagem. Outra questão apresentada nesse capítulo é como o desporto e a participação em competições deve ser orientada tendo em vista a formação técnica e educacional dos praticantes. As funções que a competição possui e como os eventos competitivos são interpretados por essa população e a adequação das propostas competitivas às crianças e jovens também são abordadas nesse capítulo. Como considerações finais percebeu-se um retrocesso pedagógico no que diz respeito aos conteúdos das competições estudadas, justificado pela implantação do modelo de competição adulto na categoria infantil. Além disso, através da análise dos calendários competitivos foi possível notar a inadequação do número e da frequência das competições para a população estudada.

Palavras chaves: Competições, Karate, Teoria Geral das competições, Competições adequadas às crianças e aos jovens.

## **ABSTRACT**

The objective of this study is to conduct a literature review on youth competitions in Karate-do, acting as assumptions for the same educational background. The competitions will be studied Karate-do Shotokan style of the Japan Karate Association organization, self-interest of the researcher, this is due practitioner. Therefore the present study was organized into two chapters. The Chapter I deals with the general theory of competition, emphasizing how they are organized and structured competitions in Karate-do. The Chapter II deals with the training and education through competitions, featuring perspectives within this population cognitive, motor and learning abilities. Another issue presented in this chapter is how sport and participation in competitions should be advised in view of the technical and educational practitioners. The functions that the competition has and how competitive events are interpreted by this population and the adequacy of competitive bids to children and youth are also discussed in this chapter. As conclusion we perceived a setback teaching with regard to the contents of the competitions studied, justified by the deployment model of competition in the adult category child. Furthermore, by analyzing the competition calendars was possible to note the inadequacy of the number and frequency of competitions for the population studied.

**Keywords:** Contests, Karate, General Theory of competitions, Competitions appropriate for children and youth.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. METODOLOGIA .....</b>	<b>11</b>
<b>3. TEORIA GERAL DA COMPETIÇÃO .....</b>	<b>12</b>
3.1 CLASSIFICAÇÕES DAS COMPETIÇÕES DESPORTIVAS .....	13
3.2 TIPOS DE COMPETIÇÃO .....	15
3.3 MÉTODOS DE REALIZAÇÃO DAS COMPETIÇÕES .....	17
3.4 CONTEÚDOS DA COMPETIÇÃO DESPORTIVA EM LONGO PRAZO .....	20
3.5 A IMPORTÂNCIA DO RESULTADO COMPETITIVO .....	26
<b>4. A FORMAÇÃO E A EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA COMPETIÇÃO .....</b>	<b>27</b>
4.1 DESPORTO INFANTIL .....	28
4.2 O DESPORTO E A COMPETIÇÃO COMO MEIOS DE FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO .....	32
4.3 COMPETIÇÕES NO DESPORTO INFANTIL .....	36
4.4 A ADEQUAÇÃO DAS COMPETIÇÕES AS CRIANÇAS E AOS JOVENS .....	39
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>45</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tratará do tema das competições no Karate-do atuando como pressupostos para a formação educacional de crianças e jovens. As competições estudadas aqui serão as de Karate-do do estilo Shotokan, por interesse próprio da pesquisadora, uma vez que pratico este estilo de Karate-do desde a infância. Mais especificamente, estudaremos a organização e estruturação das competições da Federação Mundial de Karate da Associação Japonesa (Japan Karate Association World Federation - JKAWF). Esta federação possui sedes em diversos países, que por sua vez possuem sedes regionais, que em conjunto organizam campeonatos que vão desde regionais, nacionais, intracontinentais a mundiais.

Há essencialmente duas modalidades de competição no Karate-do JKA, o *Kata* (um conjunto de técnicas de bloqueio, soco e chutes combinados em sequencias que possuem uma aplicação de luta) e o *Kumite* (luta entre dois oponentes). A divisão das categorias disputadas é feita da seguinte maneira: Infantil, dos sete aos treze anos; Juvenil, dos quatorze aos dezoito anos; e Adulto, dezoito anos em diante. Entretanto, embora haja divisões, o panorama que observamos nas últimas competições, como o campeonato mundial, é que o modelo adulto está sendo implantado cada vez mais cedo nas competições infantis.

É consenso de que o desporto para os mais jovens deve ser pensado de acordo com suas capacidades e expectativas, desde o treino até a competição. No entanto o que vemos ocorrer nas competições para essas idades é uma simples cópia do modelo proposto aos adultos aplicado às crianças e jovens. A consequência dessa ação é a perda da oportunidade de proporcionar experiências ricas e interessantes que irão contribuir para a formação dessas crianças e jovens. Entre os fatores que buscam ser contemplados pelas propostas atuais de desporto para jovens podemos citar: objetivos ou finalidades mais globais, que colaborem com a educação integral dos praticantes; metodologias mais ativas que envolvam com mais intensidade os alunos nos aspectos motores e cognitivos; inclusão dos valores educativos nos conteúdos trabalhados; e introduzir uma competição que se adapte as necessidades reais das crianças que iniciam a prática desportiva (CONDE *et al*, 2010).

Devemos considerar que temos na competição a oportunidade única que as crianças possuem de avaliar-se em relação as suas capacidades, mostrarem do que são capazes, superarem-se, obterem sucesso e de criar junto aos amigos uma boa imagem social (MARQUES, 2004). Com a inadequada estruturação das competições, que é o que

vivenciamos atualmente na maioria dos esportes, sejam eles individuais ou coletivos, os efeitos resultantes da participação em competições podem ser devastadores. Invés de proporcionarem situações que levem ao desenvolvimento positivo dessas crianças, expondo-as somente a eventos com os quais consigam lidar de acordo com suas capacidades, podem surgir situações críticas que entre outras consequências poderão levar ao abandono da prática desportiva.

É interessante observar que a prática do Karate-do vem imbuída de um vasto conteúdo de valores que são fomentados e adquiridos cotidianamente no *dojo* (escola de Karate-do). Podemos dizer então, que o ápice a ser atingido com o treinamento do Karate-do é formar um *karateka* (praticante de Karate-do), que além de um lutador, tenha tido seu caráter aperfeiçoado pela prática, tornando-se uma pessoa proveitosa para a sociedade (INOUE, 2011). Esse caráter formativo que o Karate-do possui explica-se por sua história. Surgindo inicialmente na Índia, como uma forma de luta chamada *Vajramushti*, e em seguida chegando à China, onde ocorreu o desenvolvimento de duas formas de luta *Chuan Fa* e o *Nai Pei Chun*. Devido a intensos contatos comerciais e culturais o *Chuan Fa* e o *Nai Pei Chun* chegam à ilha de Okinawa, a qual se encontrava sobre domínio japonês que proibia o uso de qualquer classe de armas.

Nesse contexto os estilos de luta chineses se mesclam aos estilos de luta nativa e dão origem a duas grandes escolas: *Shuri Te* e *Naha Te* precursoras do Karate-do. No início do século XIX com a entrada de armas modernas no Japão ocorre a decadência das diferentes escolas de ensino de “técnicas guerreiras”, que voltariam a ressurgir no início do século XX com a denominação de Artes Marciais. Esse ressurgimento vem acompanhado de algumas mudanças no entendimento dessas formas de luta, que abandonam um pouco a ideia de autodefesa para transformar-se em uma disciplina mental e corporal enraizada na base espiritual Zen (NAKAYAMA, 1966).

Entre as modificações ocorridas nesse período temos a mudança de *Karate Jutsu* (que pode ser traduzido como Karate para a guerra) para Karate-do (Karate como caminho), que é atribuída ao Mestre Gichin Funakoshi. A modificação não foi somente nominal, ela buscou refletir a essência e o conteúdo espiritual dessa disciplina. Os caracteres *Kara* e *Te* significam respectivamente “vazio” e “mão”, assim como o sufixo *Do* comum a todas as Artes Marciais que significa caminho, doutrina ou disciplina a ser seguida (NAKAYAMA, 1966). A partir de

então o Karate-do passa a ser visualizado não apenas como um esporte ou método de autodefesa, mas também como um meio para a formação pessoal do praticante.

Em sequência ao apresentado anteriormente o objetivo deste trabalho é realizar uma revisão de literatura sobre as competições dos jovens no Karate-do, atuando como pressupostos para a formação educacional dos mesmos. Para isso abordaremos a teoria geral das competições, ressaltando como são organizadas e estruturadas as competições dentro do Karate-do. Também serão utilizadas propostas de diferentes autores que apresentam estruturas e metodologias para que as competições sejam realizadas mais conforme os interesses, necessidades e capacidades das crianças. Este estudo terá como questões norteadoras: (1) Verificar se as competições no Karate-do estão adequadas aos interesses e as capacidades dos mais jovens; e (2) Verificar se o número e a frequência das competições para essa faixa etária estão adequados com o proposto na literatura.

## **2. METODOLOGIA**

Este estudo é caracterizado como uma revisão bibliográfica, devido a isso tem como objetivo pesquisar na literatura o que existe sobre a teoria geral das competições, como se realizam as competições no Karate-do JKA e propostas metodológicas para uma competição mais conforme as crianças e jovens. O plano de coleta de dados seguiu os seguintes passos:

1) Identificação das fontes: Fase de reconhecimento sobre o que é pertinente, de acordo com o objetivo do estudo, em relação aos temas pesquisados através da leitura de trabalhos encontrados em livros, pesquisas na internet e artigos publicados.

2) Localização das fontes: Após o levantamento bibliográfico e a identificação das obras de interesse, passou-se à localização do material na biblioteca de Esec/Ufrgs, Google Acadêmico, Google Livros e a base de dados Dialnet para a obtenção de livros e artigos sobre o assunto.

3) Compilação: Consistiu de uma reunião sistemática do material obtido após as duas primeiras etapas. Para tal foi efetuada a leitura do material disponível

seguindo os seguintes passos de leitura: pré-leitura e leituras: reflexiva, crítica interpretativa e explicativa.

4) Fichamento: Tendo em mãos as fontes de referência, foram elaboradas fichas a fim de identificar as obras, conhecer seu conteúdo e elaborar críticas acerca das obras.

5) Análise e interpretação: Fase de análise crítica do valor dos materiais científicos obtidos, decomposição dos elementos essenciais e interpretação de tudo que foi estudado, para trazer à tona as considerações mais importantes sobre o tema.

A etapa final, após o processo de coleta de dados, foi a redação do trabalho realizada seguindo as normas da ABNT, exigidas pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para o trabalho de conclusão do curso.

### **3. TEORIA GERAL DA COMPETIÇÃO**

As competições são consideradas como a alma do desporto, suas raízes remontam ao início da humanidade e seu principal objetivo, a comparação entre desportistas não perdeu nada da sua fascinação até os dias atuais (BAUMERT, 2004). Com a tarefa de restringir ou eliminar as contradições que surgem na sociedade e democratizar as relações sociais, as competições desportivas apresentam-se como um modelo de relações humanas (ZHELYAZKOV, 2001; PLATONOV, 2004). Elas possuem em sua esfera luta, vitória, derrota, tentativa de aperfeiçoamento, vontade de alcançar os melhores resultados, prestígio e interesses econômicos. É o elemento que fundamenta todo o sistema de organização metodológica e de preparação para a eficácia da atividade (PLATONOV, 2004).

O destino universal das competições desportivas deriva da mesma essência do desporto, que é a revelação objetiva das capacidades de atingir um resultado desportivo significativo através do processo de esforço, que é mensurado por meio da comparação de competições (MATVEEV, 1996; PLATONOV, 2004). Entretanto ao longo do desenvolvimento do desporto, a competição foi modificada sendo adicionados, retirados e

recolocados diferentes aspectos que contribuíram para uma definição mais detalhada (THIESS; LÜHNENSCHLOSS; WILLE, 2004).

Para os mais jovens, a competição no desporto é o próprio desporto, sendo impossível dissociá-los e indicando que um não existe sem que o outro ocorra. Ela constitui parte importante das vivências dos jovens, proporcionando ricas experiências de autoconhecimento, superação e amadurecimento que emergem das situações de disputa de uma competição (MARQUES, 2004). Entretanto há críticas quanto à realização de competições especializadas para essa faixa etária (RÉ, DE ROSE, BÖHME, 2004; KUNZ, 1994; CAFRUNI, 2002). Marques (2004) e Kunz (1994) nos apresentam que pelas características agônicas do desporto, valores exacerbados de concorrência e individualismo seriam promovidos e que os jovens estariam sacrificando suas infâncias em virtude de treinamentos muito exigentes e competições de alto nível.

Devemos este panorama ao fato de que o modelo de competições aplicado a essas idades é o mesmo que o modelo adulto em muitas modalidades desportivas. Este também é o caso que vem ocorrendo no Karate-do JKA, em que o modelo infantil está cada vez mais sendo aproximado do adulto (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 2011). Para melhor compreender o panorama atual das competições é necessário conhecer a classificação das competições, seus tipos e métodos de realização, é sobre estes temas que desenvolveremos o texto no decorrer deste capítulo.

### 3.1 CLASSIFICAÇÕES DAS COMPETIÇÕES DESPORTIVAS

Segundo Matveev (1996) elaborar uma classificação única, abrangente e satisfatória das competições é uma tarefa difícil e até então não realizada. Entretanto, este autor propõe como ponto de partida a visão metodológica, que para classificar as competições possui duas exigências: 1) a utilização fundamental dos índices que são essenciais para o desporto, ou seja, os resultados; e 2) a construção do desporto de um modo não linear, apresentando separações nos diferentes níveis existentes. O primeiro grupo de competições é denominado como competições desportivas próprias e o segundo grupo como competições paradesportivas, nesta revisão trataremos apenas do primeiro grupo. As competições

desportivas próprias representam a atividade competitiva com todo o seu complexo de especialidades, são elas as que possuem o *status* de oficial (MATVEEV, 1996; GOMES, 2002).

De acordo com Briankin *apud* GOMES (2002)<sup>1</sup> para uma competição ser considerada como oficial, os seguintes itens devem ser contemplados:

(a) Fazer parte do Calendário Desportivo Oficial, que significa estar presente na relação de competições que possuem época, escala e destino (campeonatos locais, regionais ou de nível maior) determinados;

(b) Estar organizadas de acordo com o Regulamento de Competição Oficial, que é um documento normativo formalizado com precisão entre as organizações desportivas de acordo com o objetivo da competição;

(c) Serem estruturadas, organizadas, dirigidas e realizadas de forma a assegurar os objetivos competitivos a conseguir dos competidores, a unificação do corpo de ações competitivas, as condições de sua execução e dos métodos de avaliação dos resultados e a regulamentação do comportamento dos competidores segundo o princípio da concorrência não antagonista.

Somente os resultados obtidos nas competições que atendem as regulamentações apresentadas determinam o nível de qualificação do atleta, a classificação e o prestígio desportivo. É essencialmente pela classificação (ranque) obtida pelos competidores que se distinguem as competições desportivas próprias. Este tipo de competição ainda pode ser dividido levando em consideração o nível de reconhecimento e prestígio da competição, que definem o grupo das competições que apresentam o primeiro nível de classificação e as competições habituais, chamadas de ordinárias (MATVEEV 1996, GOMES, 2002).

As competições oficiais fazem parte do chamado Calendário Desportivo, que é a relação sistematizada de competições planejadas pelas organizações desportivas, com indicação de datas, lugares e denominações (ou tipos) determinados (GOMES, 2002; MATVEEV, 1996, THIESS; LÜHNENSCHLOSS; WILLE, 2004). Estes mesmos autores nos apresentam as exigências fundamentais para se elaborar um Calendário Desportivo:

- Regras de competições de tipos e graduações diferentes, que permitam aos desportistas sair dos longos ciclos competitivos semestrais ou anuais;

- Envolvimento dos amplos contingentes de desportistas de qualificação, idade e sexo diferentes;

---

<sup>1</sup> BRIANKIN (1983) *apud* GOMES, 2002, p. 36.

- Sucessão na distribuição de competições de menor e maior exigência e nível, observando os intervalos proporcionados durante elas, de forma que seja sempre possível a manutenção da forma desportiva;

- Estabilidade do Calendário, que significa que os pontos presentes neles não serão revisados, exceto por extrema necessidade.

No Karate-do JKA, as competições oficiais são estruturadas e realizadas pelas organizações regionais, nacionais e internacionais de modo que os eventos estejam sincronizados para culminar no evento de maior prestígio do Calendário Desportivo daquele determinado ano. Anualmente são realizadas as competições regional (estadual) e nacional, sendo a ultima a que fornece a classificação dos atletas e a seleção nacional daquele ano. O Campeonato Mundial ocorre em um ciclo de dois anos, em cada ano deste ciclo é realizado um campeonato continental, como o Campeonato Sul Americano (JAPAN KARATE ASSOCIATION BRASIL, 2012).

### 3.2 TIPOS DE COMPETIÇÃO

Devido a sua organização e objetivos as competições se dividem em diversos tipos. A finalidade da participação competitiva diferenciada durante o processo de treinamento é assegurar a forma física e conduzir o atleta ao desempenho máximo na competição principal do período (GOMES, 2002; MATVEEV, 1996; PLATONOV, 2004). Platonov (2004) e Thiess, Lühnenschloss e Wille (2004), dividem as competições de forma similar, separando-as em competições preparatórias, de controle, de modelação (ou aproximação), de seleção e principais. Abaixo se destacam as principais características de cada tipo de competição:

- As competições preparatórias objetivam o aperfeiçoamento técnico e tático, a adaptação dos diferentes sistemas funcionais do organismo às cargas competitivas e o acúmulo de experiência;

- As competições de controle permitem a avaliar o nível de desenvolvimento do atleta, analisando o grau de assimilação técnico tático, as adaptações físicas e psíquicas as exigências da competição e com seus resultados oferecem a possibilidade de corrigir o treinamento;

- As competições de modelação visam aproximar as capacidades dos esportistas aos níveis exigidos nas competições principais, elas devem simular completamente ou parcialmente uma competição principal;

- As competições de seleção são realizadas para escolher os representantes para a seleção nacional ou determinar os participantes nas competições individuais de nível superior;
- As competições principais são as em que o esportista deve alcançar o resultado mais alto na etapa específica de seu aperfeiçoamento, a completa mobilização de capacidades funcionais e técnico-táticas e o máximo de orientação em direção à conquista do resultado também devem ocorrer nesse evento.

Algumas competições possuem um lugar especial no complexo comum das competições desportivas por serem organizadas de forma episódica e em condições determinadas. As competições que se enquadram a isso são as amistosas, as eliminatórias ou outras cujo destino irá variar de acordo com as condições de organização. Se estruturadas dentro dos padrões que fornecem o *status* de competição oficial, passam a integrar este grupo (GOMES, 2002; MATVEEV, 1996).

Um segundo modelo de separação das competições de acordo com seus tipos é proposto por Matveev (1996). Nele o ponto importante a considerar na sistematização das competições é a subdivisão prévia das competições planejadas para o ciclo de um ano ou mais de atividade desportiva, em competições básicas e preparatórias. Segundo este autor a diferença entre esses dois tipos não é determinada apenas pela atitude subjetiva dos atletas e de seus técnicos, mas também pelas particularidades objetivas do papel e do lugar das competições no sistema de construção prolongada da carreira desportiva.

As competições básicas serviriam como elaboração pré-competitiva especial, durante as quais seriam modificados o conteúdo e a estrutura do processo de treinamento. Já nas competições preparatórias não é praticada a preparação especial, pois elas já são um de seus procedimentos. Nesse tipo de competição, normalmente, o desportista não apresenta altos resultados, uma vez que elas ocorrem próximas das somas de cargas antecedentes (MATVEEV, 1996).

Ainda dentro das competições básicas é possível destacar a competição principal e as secundárias, sendo estas as que compreendem as competições oficiais programadas. Como uma das principais para o desportista ainda se pode referir as competições eliminatórias; no entanto essa classificação depende de princípios subjetivos, variando de acordo com o atleta (GOMES, 2002). As competições preparatórias do atleta são formadas pelo número de competições oficiais e não oficiais, que por circunstâncias exteriores à sua organização apresentam um caráter predominantemente preparatório (GOMES, 2002; MATVEEV, 1996).

As competições regionais, como as estaduais, no Karate-do JKA, fazem parte do grupo das competições preparatórias, e funcionam também como forma de aproximação e

controle para as competições nacionais que tem o caráter seletivo. Normalmente, são vistas como competições principais neste esporte os Campeonatos Sul Americano e o Campeonato Mundial, eventos nos quais devem culminar todos os fatores integrantes do treinamento dos atletas (JAPAN KARATE ASSOCIATION BRASIL, 2012).

### 3.3 MÉTODOS DE REALIZAÇÃO DAS COMPETIÇÕES

A escolha dos diferentes modos e métodos de competições depende do desporto, de suas tradições de realização nas competições, dos objetivos das competições, do número de participantes, do lugar de realização, das possibilidades de arbitragem e do tempo para a realização das competições (PLATONOV, 2004). Thiess, Lühnenschloss e Wille (2004), apresentam dois modos de realização das competições, são eles: as competições de torneio e as competições de temporada. As competições de torneio são competições nas quais as etapas eliminatórias e finais são realizadas no mesmo evento, estão severamente limitadas pelo tempo, sua duração geral é de um a cinco dias e é a forma utilizada pelo Karate-do JKA em todos seus eventos (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 2011). Já as competições de temporada abrangem muitos eventos, que devido ao seu conteúdo pertencem ao mesmo grupo. São competições realizadas através de rodadas e que utilizam o sistema de pontos para estabelecer os resultados, normalmente se estendem por quase todo o período de competição do ano (THIESS; LÜHNENSCHLOSS; WILLE, 2004).

Além dos modos de realização das competições, há também os métodos de realização das mesmas. Platonov (2004) descreve os métodos mais utilizados na maioria dos desportos: liga, *play off*, misto e método de eliminação direta.

- Método liga: consiste em realizar confrontos com cada um de seus adversários seguindo uma ordem determinada. O resultado desses encontros, vitórias, derrotas e empates, são expressos em pontos que são utilizados para determinar o lugar ocupado pelo desportista. Se ocorrer de vários participantes obterem a mesma pontuação, a classificação é definida pelo que foi estabelecido no regulamento da competição;

- Método *play off*: os participantes são divididos em grupos nos quais serão realizados confrontos entre cada um dos participantes. Os desportistas que ocuparam as melhores

posições nos grupos passam para a seguinte etapa da competição. O sistema de divisão em grupos se mantém até a etapa final da competição;

- Método misto: todos os desportistas participam previamente de uma etapa seguindo o método *play off*, após isso os vencedores das competições prévias realizam encontros entre si por meio de sorteio utilizando o método de eliminação direta. O número de participantes que chegam à final, da mesma forma que o número de vencedores das competições prévias, é determinado pelo regulamento. As finais são realizadas utilizando o método liga. Uma variação do método misto é realizar as finais através do método de eliminação direta;

- Método de eliminação direta: os confrontos são determinados através de sorteio, o participante que perder o confronto estará eliminado da competição. Este método apresenta variações como a realização de confrontos entre os perdedores, o que permite aos vencedores continuar competindo, outra variação seria permitir a eliminação do desportista somente após duas derrotas. No Karate-do JKA o método de eliminação direta é utilizado em todos os campeonatos e em todas as categorias disputadas. Nas disputas de *kata*, exercícios formais nos quais as técnicas fundamentais do Karate-do (bloqueios, socos e chutes) são combinadas de maneira lógica (NAKAYAMA, 1977) esse quadro ocorre até a etapa final, na qual os atletas competem entre si em busca da maior pontuação, caracterizando o método liga (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 2011).

São propostos ainda mais dois diferentes métodos de realização das competições desportivas de alto rendimento, o método do sistema de posições e o método do sistema de *ranking* (THIESS; LÜHNENSCHLOSS; WILLE, 2004). O princípio básico do primeiro consiste em que os atletas que obtiveram as melhores posições da competição estão qualificados para a próxima confrontação. Este método é utilizado, por exemplo, nas séries de tiros de velocidade do atletismo, nas quais são realizadas eliminatórias prévias e se classificam para a próxima os que obtiveram as melhores posições. No sistema de *ranking* o objetivo é a determinação das posições dos competidores, desde o primeiro até o último colocado, é o sistema utilizado, por exemplo, para determinação dos resultados de uma corrida de maratona.

Os gêneros de competição também são importantes para compreender a estrutura da competição. Basicamente há dois gêneros o individual (competições em que se valoriza o rendimento individual do desportista) e o por equipes (competições nas quais se valoriza o rendimento da equipe) (THIESS; LÜHNENSCHLOSS; WILLE, 2004). Contudo Platonov

(2004) acrescenta mais um gênero de realização, o chamado individual e por equipe, no qual as posições de cada participante são determinadas também pela classificação da equipe.

É importante destacar que no Karate-do JKA, apesar de ser uma modalidade predominantemente individual, também são realizadas competições por equipes. As equipes podem ser de *kata* e *kumite*, sendo que na categoria infantil há a possibilidade de montar equipes com integrantes de ambos os sexos, enquanto a partir dos catorze anos, na categoria juvenil, todos os integrantes da equipe devem ser do mesmo sexo. Cabe comentar que os integrantes das equipes não competem entre si apenas contra as outras equipes (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 2011).

Um ponto importante a ser analisado nos diferentes tipos de desporto é a maneira pela qual o resultado competitivo é determinado. Platonov (2004) estabelece quatro grupos de desporto de acordo com a determinação do resultado desportivo: 1- Desportos cujo resultado é medido metricamente, com objetividade; 2- Desportos cujo resultado é determinado por unidades convencionais (pontos, notas), pela execução de um programa determinado de competições; 3- Desportos cujo resultado desportivo é definido pelo efeito final ou pela predominância em unidades convencionais (pontos), pelas ações realizadas em situações variáveis; e 4- Desportos complexos, como o pentatlo moderno, biatlo, decatlo e etc., que possuem a particularidade de compensar uma ação por outra não tão bem realizada, influenciando predominantemente no resultado final do desporto.

O Karate situa-se no terceiro grupo que é composto por três subgrupos:

- O grupo dos desportos nos quais o resultado final é definido pelo efeito final conquistado em um tempo determinado estabelecido pelas regras, como o futebol e o basquete;

- O grupo dos desportos nos quais a vitória é determinada pelo efeito final determinado, porém não há limitação de tempo, como o tênis e o voleibol;

- O grupo de desportos nos quais se pode acelerar a vitória, apesar de que haja um tempo determinado, seguindo duas variantes: a realização de uma vitória “limpa” e o alcance da vitória ao acumular uma determinada quantidade de pontos antes do término do tempo, como no Karate-do JKA.

### 3.4 CONTEÚDOS DA COMPETIÇÃO DESPORTIVA EM LONGO PRAZO

A preparação para a competição desportiva se dá através do trabalho de diferentes conteúdos durante as etapas do treinamento em longo prazo. Diversos autores (TSCHIENE; BARTH, 2004; PLATONOV, 2004; MATVEEV, 1996; THIESS; LUHNENSCHLOSS; WILLE, 2004) classificam as etapas do treinamento e agregam a elas seus objetivos e conteúdos específicos. A seguir são apresentadas algumas das propostas encontradas na literatura.

Tschiene e Barth (2004) apresentam três diferentes etapas de treinamento, são elas: o treinamento básico, o treinamento de desenvolvimento e o treinamento de integração. Na primeira etapa, os objetivos, exercícios e conteúdos ainda não contemplam a participação nas competições e não estão orientados a um máximo resultado competitivo. Entretanto, pode haver a participação em competições mais simples e não oficiais. Na segunda etapa, o treinamento de desenvolvimento, os objetivos e conteúdos centram-se na área sócio-psicológica. Isso ocorre devido ao fato de que o desportista deve acostumar-se a nova situação que lhe é apresentada pela participação em uma competição oficial. A terceira e última etapa, o treinamento de integração, deve oferecer aos desportistas oportunidades frequentes de participação em competições de modo que seja alcançada a integração na equipe e a estabilidade diante uma competição.

Nessa perspectiva, os autores estabelecem dentro de cada etapa de treinamento dois tipos de preparação para as competições, a geral e a especial. A preparação geral abarca medidas para a aptidão do desportista, que devem conduzi-lo ao seu nível máximo de rendimento na temporada de competição. Os conteúdos a serem introduzidos no treinamento são gerais e essencialmente fundamentados na condição física (SCHNABEL; THIESS *apud* TSCHIENE e BARTH, 2004)<sup>2</sup>. O objetivo é a formação específica dos requisitos de rendimento energéticos, sem deixar de ter em conta os fatores psíquicos e coordenativos (TSCHIENE e BARTH, 2004).

Já a preparação especial para a competição, objetiva medidas que favoreçam as aptidões a serem realizadas no momento da competição (SCHNABEL; THIESS, *apud*

---

<sup>2</sup> SCHNABEL; THIESS (1994) *apud* TSCHIENE e BARTH, 2004, p. 74.

TSCHIENE; BARTH 2004)<sup>3</sup>. Schnabel et al *apud* Tschiene; Barth (2004)<sup>4</sup> aponta como missões da preparação especial para a competição:

- Transformar completamente o nível de cada hipótese de rendimento com relação ao rendimento na competição;
- Elaborar uma relação harmônica entre todos os requisitos do rendimento;
- Apresentar de uma forma ótima o rendimento na competição.

Quanto às metodologias a serem utilizadas no treinamento para a competição, podemos dividi-las em três âmbitos: o condicional, o técnico e a preparação tática. O âmbito condicional trata da criação e estabilização do nível necessário e planejado para o rendimento competitivo, esse nível deve garantir a aplicação técnica e tática dentro das exigências da competição. No âmbito técnico a estabilização e o aperfeiçoamento da técnica do movimento são o objetivo primordial. Nesse período também podem ser realizadas pequenas correções e jamais devem ser acrescentados novos padrões técnicos. A preparação tática se desenvolve de acordo com as possibilidades dos competidores e do lugar de competição, dessa maneira é definida a linha de atuação do desportista ou equipe da forma mais adequada (TSCHIENE; BARTH, 2004).

Platonov (2004) apresenta três metodologias presentes na prática competitiva moderna que podem ser implantadas nas etapas citadas anteriormente, propostas por Tschiene e Barth (2004), entretanto, deve-se ter cuidado em relaciona-las de acordo com os objetivos propostos por cada etapa.

- A primeira metodologia tem como pressuposto a alta frequência de participação em competições, buscando sempre resultados ótimos;
- A segunda metodologia indica pouca intensidade de competições, centrando o foco do treinamento nas competições principais;
- A terceira metodologia indica uma ampla participação competitiva que deve ser diferenciada, utilizando as competições de controle e preparação como meios de se atingir o resultado máximo nas competições principais.

---

<sup>3</sup> SCHNABEL; THIESS (1994) *apud* TSCHIENE e BARTH, 2004, p. 74.

<sup>4</sup> SCHNABEL *et al.* (1994) *apud* TSCHIENE e BARTH, 2004, p. 74.

O mesmo autor nos expõe também as vantagens e desvantagens de suas metodologias. Da primeira podemos destacar a ampla utilização da competição como meio de preparação e controle do treinamento para eventos mais importantes como ponto positivo. No entanto, como fator negativo há as excessivas cargas físicas e psíquicas que emergem da busca de um alto resultado esportivo constante. Como desvantagem da segunda metodologia há o fato de que a atividade competitiva limitada priva o desportista do desenvolvimento das reações de adaptação do organismo, o que interferirá na realização plena das capacidades físicas e técnicas no momento da competição principal. A terceira metodologia é a mais indicada, pois proporciona os estímulos e as adaptações gerados pela prática competitiva sem acarretar em uma sobrecarga física e psicológica, devido à frequência de eventos, pelos quais os atletas são expostos.

Matveev (1996) também nos apresenta etapas ou períodos do ciclo competitivo e estabelece conteúdos para os mesmos, ele propõe três períodos: o preparatório (ou primeiro período), o das competições principais (segundo período) e o transitório (terceiro período). Abaixo segue a descrição dos mesmos e os pontos importantes a serem destacados:

- No período preparatório visa-se o estabelecimento da forma desportiva através da preparação multilateral, os conteúdos, o número e a frequência das competições devem contribuir para isso e não obstruir o processo para o período seguinte. A motivação deve ser assegurada, concedendo a cada um a possibilidade de provar suas capacidades em competições, diminuindo os erros na seleção do objeto da especialização esportiva.

- No período de competições principais busca-se a conservação e a materialização dos êxitos desportivos, nele é como se todas as atividades realizadas fossem encaradas eventos principais, nos quais se busca a integração das adaptações físicas com as capacidades técnico-táticas.

- No período transitório ocorre o ápice das competições e ao mesmo tempo a transição para o novo ciclo de treinamento, no qual as competições oficiais encontram-se ausentes.

Tratando especificamente do treinamento e das competições para os mais jovens, Thiess, Luhnenschloss e Wille (2004), apontam princípios determinantes que devem ser desenvolvidos com esse público. Estão inseridos dentro desses princípios as capacidades corporais desportivas, as habilidades corporais desportivas, as capacidades e habilidades técnicas e táticas e os traços psicomorais e de comportamento do jovem desportista. Nessa

perspectiva, as competições são um elemento totalmente integrado e insubstituível do processo de formação esportiva. Partindo dessa posição temos como resultado as seguintes diretrizes de caracterização metodológica e de conteúdo da competição:

- A competição desportiva deve comprovar o atestado de estabilidade da formação desportiva que se alcançou durante os treinamentos e verificar pontos para a posterior correção e consolidar e promover o interesse das crianças pela modalidade.

- A competição deve atuar como facilitador de experiências para o êxito no rendimento, constituindo o interesse pela modalidade desportiva também nos treinamentos regulares e os jovens também devem ser estimulados a conseguir alcançar a vitória apresentando seu melhor rendimento.

- Os jovens não devem participar de competições sem treinamento prévio, no entanto, é equivocado evitar as competições por acreditar que o individuo estará apto para participar somente quando reúna uma excessiva carga de experiência através do treinamento.

A partir dessas diretrizes conseguimos concluir que na iniciação de jovens desportistas a participação em competições devem ser as mais diversas visando desenvolver e promover os mais variados estímulos para a continuidade dos treinamentos e das participações em competições (THIESS; LUHNENSCHLOSS; WILLE, 2004).

Remetendo este tema ao contexto do Karate-do JKA, é observada a estruturação através do sistema de graduações por *kyus* (faixas) no qual os conteúdos são categorizados de forma crescente em relação à complexidade. A interdependência existente entre o que é desenvolvido em cada graduação mostra-se extremamente importante na construção técnica e disciplinar do praticante de Karate-do até a faixa preta, graduação na qual ele deve apresentar conhecimento geral sobre as técnicas e sobre o conteúdo filosófico da modalidade (FSRKT, 2007). Os conteúdos técnicos do Karate-do se dividem em três abordagens, o *kihon* (fundamentos técnicos), o *kata*, e o *kumite*. Cada graduação apresenta seu *kihon*, *kata* e *kumite* exclusivos que devem ser trabalhados durante o período de seis meses ou um ano, que é o tempo médio de carência para a mudança de graduação. Os objetivos dos conteúdos de cada graduação são citados abaixo:

- Faixa amarela (primeira graduação, nono *kyu*): Deve-se demonstrar equilíbrio e firmeza nas posições;

- Faixa laranja (segunda graduação, oitavo *kyu*): A posição deve ser mantida nos movimentos para frente e para trás;

- Faixa verde (terceira graduação, sétimo *kyu*): A posição deve ser mantida nos movimentos para frente e para trás e as técnicas devem ser executadas com energia e espírito;

- Faixa azul claro (quarta graduação, sexto *kyu*): Além do citado anteriormente, os movimentos de rotações do quadril devem ser bem demonstrados;

- Faixa roxa (quinta graduação, quinto *kyu*): Além do citado anteriormente, deve-se apresentar a capacidade de finalização no momento da execução da técnica;

- Faixa azul escuro (sexta graduação, quarto *kyu*): Além do citado anteriormente, as capacidades de força e velocidade também devem estar presentes no momento da execução das técnicas;

- Faixa marrom (sétima graduação, terceiro *kyu*): Além do citado anteriormente a capacidade de finalização deve estar presente, além das técnicas de *kihon*, nas técnicas de *kata* também.

- Faixa marrom (oitava graduação, segundo *kyu*): Além do citado anteriormente, a capacidade de finalização agora também deve ser apresentada no momento da execução das técnicas de *kumite*;

- Faixa marrom (nona graduação, primeiro *kyu*): Além do citado anteriormente, saber coordenar a contração muscular adequada no momento da execução de cada técnica;

- Faixa preta (décima graduação, primeiro *dan*): O praticante deve conhecer e dominar a execução das técnicas básicas do Karate-do e possui a capacidade de utilizá-las.

Podemos compreender então que as etapas de formação do praticante de Karate-do se dão através da evolução no sistema de graduações, contudo, na competição as etapas são definidas pelas categorias separadas de acordo com as idades. De acordo com o regulamento oficial antigo (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 2005) para cada categoria (infantil: de sete a treze anos, juvenil: de quatorze a dezoito anos e adulto: a partir de dezenove anos) há um conteúdo específico que deve ser trabalhado e que é conduzido em um crescente nível de complexidade. Entretanto, no regulamento novo (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 2011), ocorre a utilização de *kumite* livre a partir dos nove anos.

O modelo anterior (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 2005) apresenta o seguinte delineamento:

- Categoria infantil, até os onze anos, todas as disputas de *kumite* eram realizadas através da execução de *Ippon kumite*, uma forma de luta pré-determinada, realizada em apenas um passo. Como objetivos do *Ippon Kumite* há o aprendizado da distância efetiva para a realização de um golpe, o correto posicionamento corporal no momento da execução de uma técnica e também o direcionamento suas técnicas.

- Categoria infantil, a partir dos doze anos, as disputas eram realizadas com a execução do *Ippon Kumite* nas fases eliminatórias da competição e nas finais com *Jiyu Ippon kumite*, uma forma de luta semi-livre que caracteriza a transição para o *Shiai Kumite* (luta livre). O *Jiyu Ippon*, assim como o *Ippon Kumite* é pré-determinado, no entanto, a movimentação é livre, enquanto o anterior era realizado parado. Nessa forma de *kumite*, questões como a distância ideal para a execução de uma técnica, o correto posicionamento do corpo e da direção das técnicas já devem estar presentes. O que é buscado através do *Jiyu ippon kumite*, por ser a transição para o *Shiai kumite*, é a capacidade de reagir a estímulos conhecidos (as técnicas são ditas antes de sua realização) em um ambiente com variáveis não controladas (advindas da movimentação livre).

- Categorias juvenil e adulto o *Shiai kumite* (luta livre) é desenvolvido nas fases eliminatórias e finais e objetiva a reação a estímulos em um ambiente sem nenhum tipo de controle sobre as variáveis. (JAPAN KARATE ASSOCIATION DO BRASIL, 2011).

Como mencionado anteriormente, no modelo atual (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 2011) essa progressão acima apresentada é desconsiderada, sendo realizado a partir dos nove anos de idade disputas de *kumite* livre. No que diz respeito à execução de *kata* não foram realizadas alterações nas revisões de regulamento, pois a execução dos *kata* independe da idade, mas sim da graduação, possibilitando que o atleta realize os *kata* até o que corresponde a sua graduação.

### 3.5 A IMPORTÂNCIA DO RESULTADO COMPETITIVO

O resultado competitivo aparece como produto das competições e possui um valor específico para o próprio desportista, seu treinador, sua equipe e seu país. Ele é condicionado por uma série de fatores entre os quais estão as particularidades do desportista, a eficácia do sistema de treinamento e as condições sociais e ambientais na realização das competições (PLATONOV, 2004). Nesse contexto temos como personagem principal a figura do competidor, sendo ele o único a arcar com as responsabilidades advindas da participação e dos resultados da competição (THIESS; LUHNENSCHLOSS; WILLE, 2004).

A maneira como os competidores encaram as situações de competições delinea as orientações que a mesma possui para cada um deles. Matveev (2001) propõe três variantes de orientação: (1) orientação à vitória aconteça o que acontecer; (2) orientação ao mais alto resultado possível; (3) orientação à demonstração do resultado já premeditado. A seguir são apresentadas as principais características de cada orientação:

- 1- Orientação à vitória aconteça o que acontecer: além da máxima superação individual, também é buscada a superioridade em relação aos demais rivais. Este tipo de orientação é típica de competidores que buscam o resultado apenas nas competições mais importantes e sua origem pode residir nos mais altos sentimentos e aspirações humanas assim como também pode ser ditada pela ambição;
- 2- Orientação ao mais alto resultado possível: é busca do melhor rendimento nas condições que o limitam, é mais praticada em competições de controle e objetiva a aquisição de uma maior experiência competitiva. Essa orientação favorece também a estimulação do nível de treinamento específico, a educação das qualidades volitivas e partindo do ponto em que se tem conhecimento das condições que dificultam o máximo rendimento, o competidor também se libera um pouco das pressões em relação ao resultado;
- 3- Orientação ao resultado premeditado: assim como a anterior também é mais frequente em competições de controle, contudo, esta não prevê o máximo resultado competitivo e sim as possibilidades de conquista de um resultado que possui uma chance mínima de não ser alcançado. Com essa orientação é possível aumentar a frequência de competições sem acarretar em um aumento excessivo do estresse competitivo.

No treinamento para crianças e jovens identificar essas orientações é um ponto muito importante da formação desportiva, pois a competição é parte fundamental do treinamento dessa população, o que termina por influenciar na relevância dada ao resultado competitivo (MARTIN *et al*, 2004). A busca constante por altos resultados acarreta em um fator delimitador da prática competitiva, e por consequência das experiências motoras da criança, que é a especialização precoce (ZHELYAZKOV, 2001). Esse fator, na grande maioria das vezes, não surge a partir do interesse do praticante e sim de um resultado das preocupações dos treinadores, dirigentes e pais de potencializar a formação desportiva visando obter resultados em um determinado desporto de forma rápida (MARQUES, 1991).

Ainda segundo Marques (1991) o correto valor agregado ao resultado desportivo poderá interferir na própria continuação da prática desportiva. Esse autor nos mostra que a maioria dos atletas que buscaram altos resultados imediatos, terminou por abandonar a modalidade devido às excessivas pressões sofridas. No estudo de Cafruni (2002), apresentando o ponto de vista dos treinadores, também foi encontrado que a excessiva valorização do resultado competitivo por parte dos competidores é visto como algo negativo.

Na perspectiva do Karate-do JKA com a implantação do modelo adulto nas competições infantis, a tendência à especialização precoce e a supervalorização da vitória torna-se eminente. No entanto, cabe ressaltar que essa especialização não se refere ao desporto como um todo, mas sim a um conjunto de técnicas mais “vistas” nas competições, fato esse que age em detrimento da progressão pedagógica do próprio Karate-do. Por sua vez, a supervalorização da vitória vai contra os princípios filosóficos da modalidade, o que interfere no principal objetivo da prática do Karate-do, que é a formação humana baseada na excelência (RIVERA, 1995).

#### **4. A FORMAÇÃO E A EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA COMPETIÇÃO**

A Teoria Geral da Competição e seus pressupostos apresentados no capítulo anterior nos servem de base para o estudo da utilização das competições como modelos de formação e educação de crianças e jovens. A fascinação pelas competições já está presente nas crianças e vai crescendo com elas a mesma proporção que a necessidade de comparar-se (BAUMERT, 2004). Este capítulo objetiva caracterizar crianças e jovens dentro das perspectivas cognitivas, motoras e de capacidade de aprendizagem e como o desporto e a participação em

competições devem ser orientados tendo em vista a formação técnica e educacional dos praticantes. Também serão abordadas as funções que a competição possui e como os eventos competitivos são interpretados por essa população. Por último será tratado da proposta de atividades competitivas mais conformes às crianças e jovens abordando temas como a importância da realização de competições de acordo com esses pressupostos, porque devem ser realizadas modificações nas competições infantis e juvenis, as exigências que essas competições devem atender, a forma como devem ser realizadas e a frequência das mesmas.

#### 4.1 DESPORTO INFANTIL

Para o estudo do desporto infantil é de extrema importância o conhecimento das características de seus protagonistas. Piaget *apud* Gallahue; Ozmun (2001)<sup>5</sup> propõe uma teoria que nos apresenta indicadores de progresso do desenvolvimento cognitivo do indivíduo até o momento atual. Para esse autor o desenvolvimento cognitivo ocorre através do processo de adaptação, que exige do indivíduo ajustes às condições ambientais. A interiorização desses ajustes se dá através dos processos complementares de acomodação e assimilação.

O processo de acomodação é a adaptação que a criança deve fazer ao ambiente quando informações novas e incongruentes são acrescentadas ao seu repertório de reações possíveis. Para incorporar essas novas informações, o indivíduo se ajusta para corresponder às exigências das mesmas, apresentando uma mudança visível no comportamento. A assimilação, por sua vez, é a retirada de informações do ambiente e a incorporação das mesmas às estruturas cognitivas já existentes em seu comportamento. Se não ocorrer a incorporação das informações, devido às variações nas mesmas, ocorrerá acomodação e não a assimilação (GALLAHUE; OZMUN 2001).

Piaget *apud* Gallahue; Ozmun (2001)<sup>6</sup> também estabeleceu fases para os processos de desenvolvimento cognitivo, são elas: (a) sensório-motor; (b) pensamento pré-operacional; (c) operações concretas; e (d) operações formais. O quadro abaixo apresenta as definições de cada fase.

---

<sup>5</sup> PIAGET (1952, 1954, 1969, 1974) *apud* GALLAHUE; OZMUN, 2001, p. 48.

<sup>6</sup> PIAGET (1952, 1954, 1969, 1974) *apud* GALLAHUE; OZMUN, 2001, p. 50.

<b>Fase</b>	<b>Características</b>	<b>Faixa Etária Aproximada</b>
1. Sensório-motor	O bebê constrói o significado do seu mundo pela coordenação de experiências sensoriais com o movimento.	Do nascimento aos 2 anos
2. Pensamento Pré-Operacional	A criança pequena demonstra crescente pensamento simbólico pela ligação de seu mundo com palavras e imagens.	De 2 a 7 anos
3. Operações Concretas	A criança raciocina logicamente sobre eventos concretos e consegue classificar objetos de seu mundo em vários ambientes.	De 7 a 11 anos
4. Operações Formais	O adolescente é capaz de raciocinar logicamente e de maneira mais abstrata e idealista.	De 11 anos em diante

Fonte: GALLAHUE; OZMUN, 2001.

Por este estudo tratar de crianças e jovens, serão enfatizadas as fases de operações concretas e a fase de operações formais. Na primeira, a criança conscientiza-se de soluções alternativas, se utiliza das regras do raciocínio e já possui a capacidade de diferenciar a aparência da realidade. O conceito de reversibilidade também é estabelecido nessa fase, o que aumenta a capacidade mental da criança para ordenar e relacionar experiências em um todo organizado. Na fase de operações formais, na qual ocorre o término da infância e começo da juventude, uma abordagem sistemática para a solução de problemas aparece. É nessa fase que ocorre o desenvolvimento da dedução lógica que torna o indivíduo capaz de raciocinar verticalmente, a dedução por meio da hipótese e o julgamento por meio da implicação possibilitam o indivíduo a capacidade de raciocinar além das causas e efeitos (GALLAHUE; OZMUN, 2001).

Na perspectiva motora, a capacidade de rendimento desportivo na infância e na adolescência emerge de acordo com as mudanças no desenvolvimento segundo a idade e o sexo. A diversidade de esportes existente torna possível a prática dos mais diferentes tipos de movimentos, que por sua vez originam-se das habilidades motoras fundamentais. De acordo com Gallahue e Ozmun (2001), as habilidades motoras fundamentais envolvem apenas os elementos básicos de um movimento particular sem realizar a combinação com outras habilidades. Segundo os movimentos realizados podemos organiza-las em três categorias: (1) as habilidades motoras estabilizadoras; (2) as locomotoras; e (3) as manipulativas, que de acordo com o padrão motor apresentado em sua execução são classificadas em três estágios: inicial, elementar e maduro. Crianças em condições cognitivas e físicas normais progridem de uma forma sequencial influenciada pela maturação e pela experiência, habilitando-se por

volta dos seis anos de idade a encontrar-se no estágio maduro de todas as habilidades motoras fundamentais.

Segundo esses mesmos autores a combinação das habilidades motoras fundamentais aplicadas a um esporte dá origem às habilidades motoras específicas de cada modalidade. A maioria das crianças apresenta potencial a partir dos seis anos para iniciar a transição para a fase motora especializada. No entanto, essa transição depende da aplicação de padrões de movimento maduros a uma grande variedade de habilidades motoras, se isso não ocorrer haverá prejuízo no aprendizado da habilidade.

O processo de aquisição das habilidades motoras especializadas se dá através de três estágios: (1) estágio de transição; (2) de aplicação; e (3) de utilização permanente. No primeiro surgem as tentativas iniciais de combinar e refinar os padrões motores maduros é a partir dele que emerge nas crianças o interesse no esporte e nos padrões de desempenho. No estágio de aplicação (por volta dos 11 anos) o indivíduo está mais consciente de suas capacidades e limitações e por isso direciona seu empenho para certos tipos de esportes e a ênfase reside na melhora da competência. Já no estágio de utilização permanente (a partir dos 18 anos) ocorre o maior refinamento das habilidades e a participação em atividades torna-se cada vez mais difícil devido ao crescente número de compromissos externos.

Além das características cognitivas e motoras apresentadas é interessante conhecer as diferenças nos processos de aprendizagem que ocorrem durante essas faixas etárias. Martin *et al* (2004) afirma que a partir do sexto ano de vida os processos de maturação do cérebro já podem ser considerados como concluídos e por isso estão estrutural e funcionalmente dispostos para a aprendizagem de habilidades e técnicas desportivas. Entre as capacidades de aprendizagem afetadas pelo nível de maturação neural de crianças pré púberes podemos citar: (1) a plasticidade dos processos nervosos básicos; (2) os incrementos na aprendizagem natural; e (3) a capacidade de movimento interno. Abaixo é feita a descrição de cada uma dessas habilidades.

- (1) Plasticidade dos processos nervosos básicos: através da plasticidade do sistema nervoso central são asseguradas às crianças grandes vantagens funcionais em relação ao aprendizado geral e especialmente ao aprendizado motor. O alto grau dessa condição os permite adquirir uma grande quantidade de conhecimentos de diferentes ambitos do saber e de habilidades motoras, o que termina por convertê-los em “seres dotados para a imitação”.

- (2) Incrementos na aprendizagem natural: trata-se da espontaneidade impulsiva presente nas ações das crianças pré-púberes que é resultado de mecanismos de desencadeamento inatos oriundos de estímulos neurais. Esses mecanismos se mostram até a puberdade como incrementos de aprendizagem que surgem na participação em formas de jogos que estimulem o desafio das próprias capacidades e exercitem os elementos do comportamento motor. Entretanto, cabe ressaltar que através desse tipo de estimulação também há o aparecimento de uma tendência à repetição de movimentos, o que maximiza a aprendizagem. Em contraponto, a espontaneidade pode levar a uma perda na concentração e a subestimação dos riscos da atividade.
- (3) Capacidade de movimento interno: é advinda da capacidade de imitação que as crianças nessa faixa etária costumam apresentar. Os movimentos nesse caso são aprendidos através da experimentação da imagem do movimento observado.

Por meio dessa caracterização podemos compreender que as crianças nas idades compreendidas entre os nove e doze anos estão na fase ótima para o aprendizado de habilidades motoras.

Contudo, na primeira fase da puberdade esse panorama já é modificado devido ao desenvolvimento da capacidade do sistema nervoso central de obter uma melhor fixação e estabilidade dos estereótipos motores. Entre as características que sofrem alterações do período pré puberal para o púbere há a espontaneidade, vinda de processos de excitação neural, que passa por um processo de inibição cortical. Esse processo muitas vezes pode ser não tão satisfatório o que poderá produzir movimentos surpreendentes, porém também desproporcionados e exagerados. Essa mesma inibição e conseqüente tendência a irradiar gera uma diminuição na capacidade de aprendizagem de novas habilidades, diminuindo a capacidade de concentração e também a participação volitiva em atividades. Como outro fator diferencial há a mudança na fonte principal de aprendizagem que deixa de ser a imitação e passa a ser constituída através da linguagem. O recomendado em relação ao aprendizado nessa fase é não impor rigorosamente novos padrões motores e sim buscar estabilizar o repertório motor aprendido na infância e corrigi-lo mediante estímulos verbais e concretizando-os como estereótipos.

As diferenças na aprendizagem em sujeitos pré-púberes e púberes e as fases de desenvolvimento podem ainda serem associadas aos estágios de aprendizagem motora. Schmidt e Wrisberg (2001) propõem três estágios, são eles: 1) Estágio verbal cognitivo; 2)

Estágio motor; 3) Estágio autônomo. As características de cada estágio são apresentadas abaixo.

- 1) Estágio verbal cognitivo: nele os aprendizes confrontam-se por primeira vez contra uma tarefa totalmente nova. Os sujeitos nessa fase demandam muito tempo falando para si mesmo sobre o que tentarão fazer e pensando em estratégias que poderiam funcionar. Esse tipo de interação intrapessoal requer muita atenção o que termina por impedir o processamento de outras informações como, por exemplo, a técnica da atividade.
- 2) Estágio motor: a evolução para este estágio se dá de maneira eventual a partir do momento em que ocorre a obtenção da ideia geral do movimento, o aprendiz direciona seu foco para o refinamento da habilidade através da organização mais eficiente dos padrões de movimento. A partir do momento em que o aprendiz descobre regularidades no ambiente e as capacidades de antecipação e organização temporal se desenvolvem.
- 3) Estágio autônomo: os indivíduos nesse estágio produzem suas ações de forma quase automática ou quase sem nenhuma atenção. Essa capacidade libera os indivíduos permitindo o engajamento em atividades cognitivas de alta ordem, como mudanças rápidas no padrão de movimento de acordo com o ambiente.

A forma com que se dá a evolução do processamento e da interpretação das informações adquiridas durante a prática de Karate-do e de outros desportos pelas crianças e os jovens torna-se de extrema importância para o desenvolvimento dos mesmos em suas modalidades. Esse desenvolvimento não é relativo somente aos aspectos motores como também a perspectiva educacional advinda da prática, o que ocorre em todos os desportos, mas fica evidenciado no Karate-do por se tratar de uma arte marcial.

#### 4.2 O DESPORTO E A COMPETIÇÃO COMO MEIOS DE FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO

O processo de formação do atleta, apesar de influenciado por demais pessoas integrantes dos meios em que o indivíduo convive, é de responsabilidade direta do treinador (MESQUITA, 2000). Ainda de acordo com Mesquita (2000), o treinador é o principal

responsável pela iniciação, orientação e especialização dos praticantes e a qualidade de sua intervenção contribui decisivamente para a existência de uma correta atitude formativo-educativa no contexto desportivo. Segundo Sanvicens *apud* Casamort Ayas (1999)<sup>7</sup> a educação tem como principal finalidade a formação integral da personalidade e as demais finalidades, tanto implícitas como explícitas, devem estar subordinadas a mesma. Em consequência disso um desporto somente será educativo quando as situações em que acontece permitirem o desenvolvimento das habilidades motrizes e psicomotrizes em relação aos aspectos afetivos, cognitivos e sociais da personalidade do praticante (LE BOULCH *apud* SEIRUL. LO VARGAS, 1999)<sup>8</sup>.

O poder socializador e agregador de valores éticos e morais da prática desportiva é indiscutível, isso se deve ao fato de que o desporto contém valores inerentes de autodescobrimento, desenvolvimento pessoal e educação social como o companheirismo, o espírito de luta e o respeito pelos demais e as normas (TREPAT DE FRANCISCO, 1999). O componente educativo do desporto não reside na aprendizagem da técnica e tática e sequer nos benefícios físicos que sua prática traz, mas sim que as condições em que a prática é realizada permitam ao desportista comprometer-se e mobilizar suas capacidades de tal maneira que essa experiência proporcione configurar seu próprio eu e atingir sua auto-estruturação (SEIRUL. LO VARGAS, 1999).

O Karate-do possui princípios formulados pelo Mestre Gichin Funakoshi que orientam sua prática e que devem estar presentes em todas as ações cotidianas dos *karatekas*, dentro e fora do *dojo* assim como nas disputas competitivas (NAKASONE, 2005). Teramoto (2005) parafraseando o Mestre Gichin Funakoshi menciona que a prática do Karate-do muito mais tem a ver com dominar o ego do que com a eficácia da arte marcial e que o valor da arte depende de quem a aplica e do propósito do mesmo, se for por um bom propósito a arte terá grande valor, senão não. Antes de apresentar alguns dos princípios do Karate-do é de extrema valia mencionar que o aprendizado dos mesmos não se dá de maneira imposta e que não é necessário saber “de cor” cada princípio. O processo de transmissão se dá de forma implícita durante a prática e a convivência com o *Sensei* e a incorporação dos princípios ocorre a partir das experiências vividas pelos *karatekas* durante sua formação.

---

<sup>7</sup> SANVICENS (1984) *apud* CASAMORT AYAS, 1999, p. 51.

<sup>8</sup> LE BOULCH (1991) *apud* SEIRUL. LO VARGAS, 1999, p. 62.

As atitudes advindas da formação dos *karatekas* têm como base os princípios redigidos pelo Mestre Gichin Funakoshi conforme mencionado anteriormente. A seguir são citados e conceituados alguns dos princípios que mais caracterizam o conteúdo formativo da prática do Karate-do (FUNAKOSHI; NAKASONE, 2005):

- 1) Não se esqueça de que o Karate-do começa e termina com *Rei*. O *Rei* pode ser definido como “respeito”, contudo, significa muito mais que isso. O *Rei* compreende tanto uma atitude de respeito pelos outros quanto um sentimento de autoestima, quando aqueles que respeitam a si mesmos transferem esse sentimento de estima é que realmente se apresenta o respeito pelos demais;
- 2) O Karate-do permanece do lado da justiça. Justiça é fazer o que é certo e fazer o que é certo requer força e capacidade de verdade. Os praticantes de Karate-do devem permanecer do lado da justiça em todas as ocasiões e apenas em situações em que não haja outra escolha devem expressar sua força através do uso das mãos e dos pés como armas;
- 3) O Karate-do vai além do *dojo*. O objetivo de sua prática é aprimorar e desenvolver tanto a mente como o corpo, o cultivo da atitude mental e espiritual iniciada durante a prática no *dojo* não deve cessar após o momento no qual o deixamos, ao contrário disso deve continuar ao longo da vida diária;
- 4) O Karate-do é uma atividade vitalícia. Não existe um ponto definido para a conclusão da prática do Karate-do, pois sempre há um nível mais alto para ser atingido uma vez que o verdadeiro caminho (referente ao sufixo - do presente em Karate-do) é uma estrada ilimitada e sem fim. O objetivo passa a ser tornar-se melhor hoje do que ontem e então melhor amanhã do que hoje ao longo de toda a vida;
- 5) Aplique o sentido do Karate-do a todas as coisas, é isso o que ele tem de belo. Tanto na prática como nas eventuais oportunidades na vida real, um golpe ou um chute, dado ou recebido, podem significar vida ou morte, esse é o conceito essencial do Karate-do. Devido a isso, se todos os aspectos da vida forem encarados com tanta seriedade, não haverá desafio ou dificuldade que não possam ser superados;
- 6) Não pense em vencer, em vez disso pense em não perder. Saber apenas como vencer e não como perder é se derrotar sozinho, a atitude mental que considera apenas vencer alimenta inevitavelmente um otimismo excessivo que causa impaciência e mau humor. O praticante que só pensa em vencer perde o senso de humildade e começa a ignorar ou a desconsiderar os demais;

- 7) Mantenha-se sempre atento, diligente e capaz na sua busca do caminho. Esse princípio engloba todos os demais, pois a vaidade e a preguiça são como amarras que impedem o progresso. Os praticantes de Karate-do precisam testar-se e questionar-se constantemente, nunca deixando de ser atentos e diligentes até serem capazes de penetrar nos níveis mais profundos do Karate-do.

O papel do *Sensei* é de suma importância no processo de formação o *karateka*, Inoue (2011) explica que o significado do termo se refere àquele que possui o conhecimento e a experiência para saber ensinar. Esse mesmo autor enfatiza que a prática do Karate-do melhora o estado físico e os indivíduos ganham segurança porque sabem que seu corpo é capaz de reagir, esse estado permite perceber o risco, a energia negativa e evitar situações em que o perigo está eminente, pois no Karate-do o principal objetivo é desenvolver a defesa para evitar o confronto danoso e não fomentar o ataque.

As situações que o treinador e o atleta compartilham podem ser a mesmas compartilhadas em atividades não desportivas, o que as torna diferentes são os valores intrínsecos das práticas motoras, entre eles é possível citar o valor agonístico que é o responsável por conferir a intencionalidade competitiva, a luta contra algo ou alguém ou contra si próprio (SEIRULLO VARGAS, 1999). Por este trabalho tratar do estudo da competição a compreensão da existência do valor agonístico torna-se muito importante uma vez que a competição é definida por ser uma confrontação individual ou coletiva, dirigida por determinadas normas (TREPAT DE FRANCISCO, 1999). Nesse ponto de vista é importante considerar quais seriam os princípios orientadores da ação dos técnicos, que como mencionado anteriormente, são os responsáveis pela formação dos praticantes tanto nos treinamentos como principalmente durante as competições. Mesquita (2000) apresenta os seguintes princípios como norteadores:

- 1) Os treinadores devem ser apologistas de ações corretas (senso de justiça, imparcialidade, compreensão, serenidade, tolerância, paciência);
- 2) Os treinadores devem fazer com que os objetivos de formação (desenvolvimento de comportamentos corretos, válidos e conscientes) do treino e da competição durante a carreira desportiva se sobreponham aos objetivos de rendimento;

- 3) A competição, por exercer um papel fundamental no processo de formação, deve ser desmistificada, pois através dela os indivíduos são preparados para saber encarar novos desafios e dificuldades em todas as suas esferas de atuação;
- 4) A participação em competições deve ser fomentada não para a obtenção de resultados, mas sim como um meio que contribui para afirmação pessoal, autoafirmação e autossuperação;
- 5) A vontade de vencer não deve ser evitada, mas sim incentivada, no entanto não pode ser o maior objetivo. As vitórias devem significar para o praticante a confirmação de que ele deve continuar a aplicar-se nos treinamentos para se tornar cada vez melhor, enquanto a derrota serve para demonstrar que há erros que necessitam ser corrigidos e aperfeiçoar o que ainda não está adequado;
- 6) O momento no qual as crianças e jovens iniciam nas competições deve ser motivo de atenção para o treinador, assim como também o clima em torno das mesmas. Os praticantes só devem participar de competições a partir do momento em que possuam habilidade para responder aos problemas que emergem das mesmas. Por isso, o treinador deve escolher as competições mais adequadas às características de seu atleta naquele momento.

Marques (2004) menciona que saber competir, estar preparado para fazê-lo, é condição de preparação para a vida que não deve ser esquecida na formação dos mais jovens. Marques (2004) ainda refere que o desporto e a competição são apenas instrumentos para a educação e formação das crianças e jovens, os princípios e os valores associados à competição e a forma como esta é utilizada nas experiências vividas são quem confere o valor educativo.

#### 4.3 COMPETIÇÕES NO DESPORTO INFANTIL

A competição não é um fator exclusivo das experiências desportivas, estando presente também em outros setores da vida, nos quais o ser humano compete em todos em que atua: família, escola, trabalho e sociedade (DE ROSE JR., 2004). Através dessa afirmação do autor é possível perceber que a competição não é algo estranho e que deva ser evitado para as crianças uma vez que ela se faz presente no universo atuante da criança. Na grande maioria das disciplinas esportivas a competição é parte indissociável do treinamento de crianças e

jovens, nos desportos de luta, por exemplo, vários métodos de treinamento ocorrem em condições muito semelhantes às de competição, desenvolvendo a habilidade de reagir ante um adversário (MARTIN *et al*, 2004).

Martin *et al.* (2004) também aponta que a ampliação dos programas de competição para crianças e jovens é pouco apoiada por metodologias alternativas e adequada aos mesmos na maioria das disciplinas desportivas. Este autor ainda estabelece as funções que as competições devem atingir para o contexto infantil e juvenil. Entre as funções propostas podemos destacar a função formativa, na qual as competições têm como objetivo primordial a resolução de tarefas e não o rendimento em tarefas específicas, como ocorre no modelo adulto, ou seja, devem incrementar a aprendizagem. Quando as competições servem para examinar o estado de desenvolvimento individual das capacidades gerais e específicas da modalidade, ocorre o cumprimento da função de controle das competições. Já a função educativa das competições se dá durante o transcurso das mesmas, pois se faz necessária a utilização da personalidade do indivíduo de forma integral. Fato este que faz das competições um momento ideal para o correto desenvolvimento da personalidade por parte dos treinadores de crianças e jovens. Em seguimento a função educativa proposta por Martin *et al.* (2004), Harre (1987) propõe mais uma função para competição que também merece destaque, a função social. Para este autor os competidores devem, além de buscar o desenvolvimento físico, buscar o desenvolvimento moral, atuando de maneira proveitosa para a sociedade, servindo de modelo para os demais.

Além das funções que a competição deve exercer no contexto infantil e juvenil, é importante ainda considerar as implicações que o exercício da atividade competitiva tem sobre esse contexto. Luta, antagonismo, vencer, perder, comparar rendimentos, prazer, pressão e tensão são fatores advindos de uma competição, o equilíbrio entre as mesmas é o grande desafio para os atletas e principalmente para os treinadores (De Rose Jr. 2004). Como a maioria dos sistemas competitivos ainda reproduz o modelo mais avançado, os “escolhidos” como melhores terminam por serem os sujeitos que se apresentam em elevados níveis de maturação biológica, aproximando-se mais das capacidades de um indivíduo adulto. Como consequência disso, já durante as etapas de formação desportiva, um grande contingente de praticantes que não se enquadra nesses fatores acaba deixando a prática por quebra de interesse e desmotivação (ROST, 1997).

Para evitar a ocorrência de situações como essa, medidas como a declaração realizada pela Comissão de Medicina Desportiva e de *Performance* dos EUA (SMPC *apud* MARQUES; OLIVEIRA, 2002)<sup>9</sup> recomenda a não participação de crianças menores de dez anos em competições de nível nacional. A alegação para isso é de que as crianças nessa faixa etária não se encontram preparadas para a pressão que ocorre em competições de alto nível. Coakley e Bompá *apud* MARQUES; OLIVEIRA (2002)<sup>10</sup>, no mesmo sentido da alegação anterior, indicam a participação em competições organizadas a partir dos 11 ou 12 anos ou mais tarde. Estes autores afirmam que apenas nessas idades e após elas que as crianças conseguiriam interagir com as exigências das competições como a compreensão das relações sociais, a análise das técnicas e habilidades dos adversários e experimentar o sucesso e o insucesso. Outros autores (MARQUES; OLIVEIRA, 2002; ROST, 1997) realçam esse último aspecto de que as competições esportivas oficiais não devem ser apresentadas para as crianças até o momento em que elas possuam habilidade para lidar com a derrota, antes disso para demonstrar suas habilidades elas devem participar de competições, porém com um enfoque menos competitivo.

Se não realizada a participação em competições adequadas para a idade e capacidades das crianças e jovens, os insucessos sistemáticos que podem ocorrer gerarão consequências psicológicas no desenvolvimento dos jovens desportistas, resultando em baixa autoestima e níveis excessivos de ansiedade (MARQUES; OLIVEIRA, 2002). De acordo com o mencionado anteriormente é possível perceber que a mudança ocorrida no regulamento das competições de *kumite* para a categoria infantil implicará em condições psicológicas não adequadas para as crianças. A modificação acarreta a perda da prática competitiva das formas precedentes de luta (mencionadas no item relacionado aos conteúdos da competição desportiva) que são a base para o desenvolvimento do *Shiai Kumite*. Devido a isso as crianças serão expostas diretamente a um ambiente de luta sem o controle das variáveis, o que favorece o surgimento da insegurança uma vez que não lhes foi oferecida a oportunidade de vivenciar as etapas anteriores em condições competitivas, o que seguramente diminuiria a insegurança competitiva.

O equilíbrio dos componentes motores, perceptivos, intelectuais, emocionais e psicológicos do indivíduo resulta na prontidão competitiva e a relação entre os componentes da mesma não ocorre em uma sequência linear e hermética (DE ROSE JR., 2004). Esse autor

---

<sup>9</sup> SMPC (2000) *apud* MARQUES; OLIVEIRA, 2002, p. 69.

<sup>10</sup> COAKLEY (1986), BOMPA (2000) *apud* MARQUES; OLIVEIRA, 2002, p. 69.

apresenta ainda que mesmo quando as capacidades individuais encontram-se em patamares mais baixos que a demanda da tarefa, as crianças continuarão com a possibilidade de ter sucesso na competição. Isso ocorre devido a fatores como a motivação e os níveis de aspiração do praticante influenciarão positivamente no resultado competitivo. Por isso, para assegurar a motivação e também a competência nas habilidades realizadas pelas crianças durante as competições é que emerge a necessidade do conhecimento e compreensão de propostas competitivas mais conforme as crianças e jovens e suas fases de desenvolvimento.

#### 4.4 A ADEQUAÇÃO DAS COMPETIÇÕES AS CRIANÇAS E AOS JOVENS

A importância da adequação das competições reside em elaborar uma estreita articulação entre o conteúdo das competições e os conteúdos do treino de maneira a considerar como primordiais nessa construção os objetivos formativos (MARQUES, 1997). Marques e Oliveira (2002) colocam que o sistema de treino se desenvolve em um crescente nível de especialização e que a competição invés de imitá-lo, realiza o processo inverso, sendo realizada de forma especializada desde a fase inicial em muitas modalidades. Rost (1997) menciona que se organizadas de acordo com o modelo de alto rendimento as cargas psicofísicas das competições são muito elevadas para as crianças e para os jovens levando muitas vezes a fenômenos de saturação psicológica. A partir das informações supracitadas é possível perceber a proporção do equívoco metodológico decorrente da modificação do regulamento da competição infantil de *kumite*. Isso se deve ao fato de que essa alteração incentiva a especialização precoce e acaba deixando de lado os princípios para a formação, tanto técnica como educacional, do praticante uma vez que lhe são retiradas as noções básicas que constroem o processo de formação para o *Shiai kumite* e lhe fornecem segurança para realizar as técnicas. Para evitar os aspectos negativos advindos da realização de competições inadequadas às capacidades e possibilidades das crianças e jovens, Rost (1997) propôs a implantação de conteúdos e estruturas no sistema de competições que busquem: 1) Oferecer apoio ao treinamento que esteja à medida da criança e do jovem; 2) Opor-se a especialização precoce; 3) Promover a construção de uma perspectiva em longo prazo da prestação desportiva nessas idades.

As modificações necessárias nas competições se justificam pela necessidade de criar situações de facilitação que permitam aos indivíduos a participação em atividades

competitivas ao nível de suas qualidades e capacidades condicionadas pelos estágios de desenvolvimento, pela idade e pelo nível de treino (MARQUES, 1997). Esse mesmo autor aponta há a existência de dois estágios no modelo de preparação desportiva que são separados pela transição da infância para a adolescência, seriam eles o treino de base e o estágio de plena realização das aptidões desportivas. No regulamento antigo (JAPAN KARATE ASSOCIATION, 2005) a diferenciação entre os conteúdos das competições era realizada à semelhança da divisão que foi apresentada, pois para a categoria infantil eram realizadas disputas de *Ipon kumite* e *Jiyu ippon kumite* a partir dos 12 anos de idade para efetuar a transição de maneira gradual para o *Shiai kumite* realizado a partir da categoria juvenil. Na mesma perspectiva, Rost (1997) apresenta a necessidade da existência de uma sintonia entre o sistema de competição e cada etapa da preparação em longo prazo das crianças e jovens e indica que nos anos iniciais o resultado competitivo não deve ser encarado de forma clássica, mas que também devem ser considerados o progresso e a aproximação ao nível mais alto da modalidade. Assim, a modificação da competição em função dos objetivos de formação da prática desportiva pode levar seus efeitos até o próprio treino fazendo que ele se adapte ao ritmo do desenvolvimento do praticante (ROST, 1997). Esse ponto é de suma importância, pois a consagração da harmonia entre os objetivos da formação e as expectativas que as crianças possuem em relação a sua participação em competições faz com que as mesmas atuem como elemento estruturante do treino (MARQUES, 2004).

Nos primeiros anos de treinamento as competições devem promover e respeitar os pressupostos de coordenação, técnico-táticos e orgânicos de acordo com a fase de desenvolvimento em que se encontram os sujeitos (ROST, 1997). Em sequência disso, Martin (2004) completa mencionando que através das competições do período inicial do treinamento devem ser desenvolvidas e estimuladas as capacidades mais responsivas a cada fase do desenvolvimento do praticante. Borde e Becker *apud* Martin (2004)<sup>11</sup> derivam três exigências principais das competições: 1) As competições devem propor exigências reguladoras da atividade que desenvolvam programas de ação orientados a um objetivo e adequados a um fim; 2) As competições devem favorecer o treinamento da velocidade e respostas rápidas, que são capacidades que possuem seu desenvolvimento privilegiado nessas fases; 3) As competições devem desenvolver as capacidades de rendimento técnico e de coordenação. Assim, as exigências da competição servirão para auxiliar a promoção de programas de ação coerentes com o avanço na modalidade (ROST, 1997).

---

<sup>11</sup> BORDE E BECKER (1989) *apud* Martin, 2004, p. 439-440.

Além da correta definição das exigências da competição, a maneira como as mesmas são realizadas torna-se um fator relevante no contexto estudado. Com o intuito de diminuir os efeitos das derrotas sobre as crianças e jovens. Martin (2004) propõe a realização de provas combinadas com conteúdos de competição alternativos e tradicionais, sendo a variação mais importante o fato da competição ser realizada em equipes. Nessas competições o importante não é o desempenho individual, mas sim a classificação da equipe, fator este que contribui para o envolvimento positivo com a competição, pois: é proporcionado aos participantes a oportunidade de viver a competição e se divertir; desenvolver o interesse pela disciplina esportiva e adquirir motivação para o treinamento; conhecer e adquirir o comportamento competitivo em situações específicas; desenvolver o sentimento de equipe. O único inconveniente desse método de realização é que o rendimento individual não pode ser quantificado, por isso caberá ao treinador, após a competição, em conjunto com seus atletas realizar as observações pertinentes a cada um de forma a construir o desempenho futuro de seus alunos.

A frequência das competições para as crianças e jovens também deve ser observada quando se trata da adequação da prática competitiva aos mesmos. A participação em um número reduzido de competições por parte das crianças e jovens sempre foi atribuída a sua impreparação, no entanto, sabe-se hoje que as participações competitivas devem estar mais presentes nas fases de iniciais do treinamento, o que revela perspectivas paradoxais (MARQUES, 2004). No Karate-do, no Estado do Rio Grande do Sul, as crianças e os jovens possuem apenas duas competições por ano, o que nos mostra uma grave deficiência nesse aspecto (FSRKT, 2012). Marques (2004) propõe o aumento da participação em competições, no entanto não somente nas que estiverem de acordo com o modelo formal, mas também em pequenas competições realizadas entre os próprios companheiros de treino, de forma menos estruturada e mais simplificada. Essas competições devem cumprir com o objetivo de auxiliar na formação possibilitando a oportunidade de comparar suas habilidades e assegurar a motivação dos praticantes uma vez que o desporto em si não possui nenhum sentido se não há a competição sendo realizada concomitantemente. Ainda de acordo com Marques (2004) para as competições realizadas nos moldes antes citados não há nenhum problema em que sua frequência seja elevada, pois é justamente este o fator que irá evitar a supervalorização do evento competitivo, assim como a derrota, pois haverá outra possibilidade próxima de melhorar seu desempenho competitivo.

Para as crianças e jovens ao contrário do treinamento de alto rendimento, não é indicada a existência de uma periodização anual de treinamento com a intenção de preparar

um alto nível de rendimento para um momento específico, contudo, o que deve ocorrer é a igual valorização de todas as competições, caracterizando o princípio da atividade competitiva durante o ano inteiro (MARTIN, 2004). Martin (2004) aponta que devido a isso algumas medidas devem ser tomadas pelos treinadores de modo a coordenar metodologicamente os objetivos e as tarefas para que ambos sejam satisfeitos de maneira ideal, são elas: 1) O acordo em conjunto com os desportistas sobre os objetivos e as principais tarefas do treinamento e das competições no princípio do treinamento anual; 2) A ênfase, em médio prazo, da preparação para as competições mais importantes que são essenciais para a satisfação dos objetivos formativos do ano; 3) A avaliação dos resultados alcançados nas competições desde o ponto de vista dos avanços atingidos em relação à aprendizagem.

Marques (2004) menciona que o ponto primordial que deve ser considerado quando se trata da realização de competições infantis e juvenis é a não reprodução de modelos competitivos de alto nível com o intuito de assegurar respostas mais fidedignas ao desempenho final da modalidade. Marques (1997; 2004), Rost (1997), Mesquita (2000), Marques e Oliveira (2002) e Martin (2004, entre outros apontam que quanto mais adequadas estiverem as experiências competitivas (englobando os conteúdos, os métodos, as ações fomentadas pelo treinador e os diversos tópicos abordados no decorrer deste trabalho) nessas fases, mais proveitosa será a utilização das aprendizagens advindas da participação competitiva para a formação integral do praticante.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As considerações finais deste estudo procuram responder as questões que nortearam a realização da revisão de literatura: (1) Verificar se as competições no Karate-do JKA estão adequadas aos interesses e as capacidades dos mais jovens e (2) Verificar se o número e a frequência das competições para essas faixas etárias estão adequados com o proposto na literatura. De acordo com o que foi encontrado sobre esses temas percebeu-se que o regulamento de competições do Karate-do JKA e o calendário das atividades da mesma instituição a nível estadual e nacional propõem competições que se encontram fora do que é proposto pela literatura para essas populações específicas.

Esse fato é devido, principalmente, à alteração do regulamento que ocorreu no ano de 2011, que implanta a aplicação do sistema de competição adulto na modalidade de *kumite* a partir dos nove anos de idade. Essa alteração promoveu além de um retrocesso pedagógico, pois é aplicado um modelo de alto rendimento sem antes proporcionar experiências competitivas com modelos formativos, um aumento no nível de estresse causado pelas competições. Ao participar de competições que não se encontram à medida das necessidades das crianças e dos jovens os insucessos advindos das mesmas podem gerar consequências psicológicas negativas para o desenvolvimento desses indivíduos. Essas condições psicológicas negativas acabam sendo privilegiadas pelo que foi mencionado anteriormente, a falta de experiência competitiva em modelos formativos de competição, ou seja, a ausência da realização do *Ippon Kumite* e do *Jiyu Ippon Kumite*.

Da mesma forma a baixa frequência de competições gera uma supervalorização do evento competitivo, o que faz com que seus resultados assumam papéis muito importantes para a criança podendo levá-la a abandonar a participação nas mesmas. A pouca quantidade de competições oferecidas ainda é também um fator preocupante já que nas fases iniciais de treinamento e competição em longo prazo elas são de extrema importância, tanto para controle do treinamento como principalmente para assegurar a motivação, evitando o predomínio de consequências negativas à participação em competições. Na prática do Karate-do muitas das formas de treinamento de *kumite* já se caracterizam por si só como pequenas competições, no entanto, ainda é evidente a falta de competições, oficiais ou não, que estimulem a maior participação dessa população.

Cabe apresentar uma perspectiva – sendo possível afirmar que não se trata de algo muito animador – como a mudança no regulamento é ainda recente diversos países integrantes da JKA não estão realizando competições de acordo com o novo regulamento, o que significa que o correto processo pedagógico permanece. Esse quadro é o que encontramos em toda a América do Sul, no entanto, até o ano de 2014 é estimado que todos os países integrantes já estejam de acordo com o novo regulamento de competições.

Entre as principais limitações desse estudo está a dificuldade em encontrar bibliografias disponíveis em português ou espanhol que tratem da teoria geral da competição, visando às crianças e os jovens uma vez que a maioria das publicações desse campo de estudo se encontra nos idiomas alemão ou russo. No que se refere a bibliografias sobre as competições no Karate-do JKA, pouquíssimas referências são encontradas, por isso as

referências principais acabam sendo os regulamentos competitivos da instituição. Esses regulamentos apenas apontam diretrizes de como devem ser realizadas as competições sem mais esclarecimentos ou explicações dos porquês das modificações ocorridas de uma edição do regulamento para a outra.

Em vista de uma perspectiva de continuidade deste estudo seria possível sua utilização como base teórica para futuros trabalhos de natureza empírica, como a realização de entrevistas com os atuais treinadores com o intuito de verificar se há e como é realizada a orientação à participação em competições, visando a formação e a educação de crianças e jovens. Não havendo essa orientação seria interessante conhecer qual deveria ser a concepção de um treinamento e de uma competição mais adequados aos interesses e possibilidades desse público de forma que essas competições também agissem como pressupostos de educação e formação. Este estudo também pode servir de apoio às diferentes metodologias aplicadas, visando à redução dos erros nas práticas de ensino.

## REFERÊNCIAS

- AYAS, Jaume Casamort. Características pedagógicas del deporte. In: BLÁZQUEZ, Sánchez, Domingo. **La iniciación deportiva y el deporte escolar**. 4º Barcelona: Inde, 1999. Cap. 2, p. 49-60.
- BAUMERT, Armin. Sobre este libro. In: THIESS, Günter; TSCHIENE, Peter;
- CAFRUNI, Cristina Borges. **ANÁLISE DA CARREIRA DESPORTIVA DE ATLETAS BRASILEIROS**: Estudo da relação entre o processo de formação e rendimento desportivo. 2002. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2002.
- CONDE, C et al. La formación multideportiva de los jóvenes que se inician en el deporte. **Wanceulen E.f Digital**, Sevilla, n. 7, p.52-58, 01 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.wanceulen.com/revista/index.html>>. Acesso em: 17 jul. 2012.
- DE ROSE JR., Dante. Tolerância ao treinamento e à competição: aspectos psicológicos. In: GAYA, Adroaldo; MARQUES, António; TANI, Go. **Desporto para crianças e jovens: Razões e finalidades**. 1º Porto Alegre: Ufrgs, 2004. Cap. 12, p. 251-264.
- FEDERAÇÃO SUL RIOGRANDENSE DE KARATE DO TRADICIONAL (Brasil). **Manual Técnico para exames de faixa**. Porto Alegre: Fsrkt, 2007. 20 p.
- FEDERAÇÃO SUL RIOGRANDENSE DE KARATE DO TRADICIONAL. Calendário de atividades 2011. Disponível em: [www.fsrkt.org.br](http://www.fsrkt.org.br). Acesso em 27/08/2012.
- FRANCISCO, David Trepas de. La educación en valores a través de la iniciación deportiva. In: BLÁZQUEZ-SÁNCHEZ, Domingo. **La iniciación deportiva y el deporte escolar**. 4º Barcelona: Inde, 1999. Cap. 5, p. 95-110.
- FUNAKOSHI, Gichin; NAKASONE, Genwa. **Os Vinte Princípios Fundamentais do Karatê**: O legado espiritual do mestre. 1º São Paulo: Cultrix, 2005. 127 p
- GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 1º São Paulo: Phorte, 2001. 641 p.
- GOMES, Antonio Carlos. **Treinamento desportivo**: estrutura e periodização. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- HARRE, Dietrich. **Teoría del Entrenamiento Deportivo**. Buenos Aires: Editorial Stadium S.r.l, 1987. 288 p.
- INOUE, Mitsuo. Con el karate, busca equilibrio en una Ciudad que vive tensa. **Clarín**, Buenos Aires, p. 1. 21 jul. 2011. Disponível em: <[http://www.clarin.com/capital\\_federal/karate-busca-equilibrio-Ciudad-tensa\\_0\\_521348034.html](http://www.clarin.com/capital_federal/karate-busca-equilibrio-Ciudad-tensa_0_521348034.html)>. Acesso em: 20 out. 2012.

JAPAN KARATE ASSOCIATION BRASIL. Calendário de atividades 2011. Disponível em: [www.nkkbrasil.com.br](http://www.nkkbrasil.com.br). Acesso em 15/08/2012.

JAPAN KARATE ASSOCIATION (Japão). **Tournament rules & regulations:** tournament rules & regulations for officials. Tóquio: Japan Karate Association, 2011. 53 p.

JAPAN KARATE ASSOCIATION (Japão). **Tournament rules & regulations:** tournament rules & regulations for officials. Tóquio: Japan Karate Association, 2005. 53 p.

KUNZ, Eleonor. As dimensões inumanas do esporte de rendimento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p.10-19, 1994.

MARQUES, António. A especialização precoce na preparação desportiva. **Treino Desportivo**, Lisboa, v. 90/92, n. 19, p.9-15, 1991.

MARQUES, António. A preparação desportiva de crianças e jovens: o sistema de competições. In: GUEDES, O. **Atividade Física:** uma abordagem multidimensional. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 157-169.

MARQUES, António; OLIVEIRA, José. O treino e a competição dos mais jovens: rendimento versus saúde. In: BARBANTI, Valdir José. **Esporte e atividade física:** interação entre rendimento e qualidade de vida. São Paulo: Manole, 2002. p. 51-73.

MARTIN, Dietrich et al. **Metodología general del entrenamiento infantil y juvenil.** 1º Barcelona: Editorial Paidotribo, 2004. 509 p.

MATVEEV, Lev P.. **Teoría general del entrenamiento deportivo.** Barcelona: Editorial Paidotribo, 2001. 306 p.

MATVEEV, Lev Pavilovch. **Preparação desportiva.** 1º Londrina: Centro de Informações Desportivas, 1996. 188 p.

MESQUITA, Isabel. **Pedagogia do Treino:** a formação em jogos desportivos coletivos. 2º Lisboa: Livros Horizonte, 2000. 89 p.

NAKASONE, Genwa. Prefácio. In: FUNAKOSHI, Gichin; NAKASONE, Genwa. **Os Vinte Princípios Fundamentais do Karatê:** O legado espiritual do mestre. 1º São Paulo: Cultrix, 2005. p. 15-19.

NAKAYAMA, Masatoshi. **La dinámica del Karate.** 1º Madri: Editorial Fher, 1966.

NAKAYAMA, Masatoshi. **O melhor do Karate volume 1.** São Paulo: Cultrix, 1977. 144 p.

NICKEL, Helmut. **Teoría y Metodología de la competición deportiva.** Barcelona: Editorial Paidotribo, 2004. p. 5.

PLATONOV, V.n.. **Teoría general del entrenamiento deportivo olimpico.** Barcelona: Paidotribo, 2001. Disponível em:

<[http://books.google.com.br/books?id=tBbimZs3msUC&printsec=frontcover&dq=TEORIA+GENERAL+DEL+ENTRENAMIENTO+DEPORTIVO+OLIMPICO&source=bl&ots=iU\\_og](http://books.google.com.br/books?id=tBbimZs3msUC&printsec=frontcover&dq=TEORIA+GENERAL+DEL+ENTRENAMIENTO+DEPORTIVO+OLIMPICO&source=bl&ots=iU_og)

uvxPU&sig=fJVIZzFOIoxqwyRwxHFM\_d\_zalQ&hl=pt-BR&sa=X&ei=0iopUIqkM4bE0QHq\_YHIDQ&ved=0CDQQ6AEwAA#v=onepage&q=TEORIA%20GENERAL%20DEL%20ENTRENAMIENTO%20DEPORTIVO%20OLIMPICO&f=false>. Acesso em: 05 ago. 2012.

RÉ, Alessandro Hervaldo Nicolai; ROSE JUNIOR, Dante De; BÖHME, Maria Tereza Silveira. Stress e nível competitivo: considerações sobre jovens praticantes de futsal. **Revista Brasileira de Ciência E Movimento**, Brasília, v. 12, n. 4, p.83-87, dez. 2004.

ROMÁN, Fernando Rivera. **KARATE DEPORTIVO Y KARATE TRADICIONAL DIFERENCIAS Y AFINIDADES**. Barbate: Club Karate do Kiaido, 1995. 16 p.

ROST, K. As Competições no Desporto Juvenil. **Treino Desportivo**, Lisboa, p. 3-10, jul. 1997.

SCHMIDT, Richard A.; WRISBERG, Craig A.. **Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema**. 2º Porto Alegre: Artmed, 2001. 352 p.

TERAMOTO, John. Introdução. In: FUNAKOSHI, Gichin; NAKASONE, Genwa. **Os Vinte Princípios Fundamentais do Karatê: O legado espiritual do mestre**. 1º São Paulo: Cultrix, 2005. p. 7-15.

THIESS, Günter; LÜHNENSCHLOSS, Dagmar; WILLE, Ulrich. La competición deportiva. In: THIESS, Günter; TSCHIENE, Peter; NICKEL, Helmut. **Teoría y Metodología de la competición deportiva**. 1º Barcelona: Editorial Paidotribo, 2004. Cap. 1, p. 11-66.

THIESS, Günter; TSCHIENE, Peter; NICKEL, Helmut. **TEORIA Y METODOLOGÍA DE LA COMPETICION DEPORTIVA**. Barcelona: Paidotribo, 2004.

TSCHIENE, Peter; BARTH, Berndt. Preparación para la competición. In: THIESS, Günter; TSCHIENE, Peter; NICKEL, Helmut. **Teoría y Metodología de la competición deportiva**. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2004. Cap. 2, p. 70-122.

VARGAS, Francisco Seirul.lo. Valores educativos del deporte. In: BLÁZQUEZ, Sánchez, Domingo. **La iniciación deportiva y el deporte escolar**. 4º Barcelona: Inde, 1999. Cap. 3, p. 61-74.

ZHELYAZKOV, Tsvetan. **Bases del entrenamiento deportivo**. Barcelona: Paidotribo, 2001. Disponível em:  
<[http://books.google.com.br/books?id=udbVOEKiwAIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=udbVOEKiwAIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 06 ago. 2012.